

LINGUAGEM ARGUMENTATIVA: UMA FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL

Victor Natanael Souza Freitas (IC)⁹; Waltersar José de Mesquita Carneiro (PQ)^{10*};
waltersar_carneiro@globomail.com

RESUMO: Este trabalho tem o propósito de apresentar a pesquisa em andamento sobre a categoria da argumentação, em andamento, desenvolvida dentro do Grupo de Estudos da Linguagem Construindo Argumentos (GELCA), vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (Campus Bacabal). Centrada em teorias que defendem a argumentação como uma prática discursiva que se constrói em torno de uma diferença de opinião (EEMEREN E GROOTENDORST, 2004), em que se articulam pontos de vista contraditórios (PLANTIN, 2008), buscamos explicar como ela emerge no processo de produção textual dos alunos do Ensino Fundamental. Para nós, ao criarmos inteligibilidade sobre esse processo, criaremos, também, consciência sobre como a criticidade ocorre nas práticas discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação, Dialogismo, Texto.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que estamos desenvolvendo busca apresentar explicações para o problema pertinente da pouca qualidade das produções textuais dos alunos da Educação Básica pública em nosso país. Recentemente, o que mais chamou a atenção, após a divulgação dos resultados do Enem/2014, foi o número expressivo de alunos, oriundos do Ensino Médio, que fracassaram na tarefa de construção da prova de redação. Atividades simples de uso da língua e de operações

⁹ Universidade Estadual do Maranhão-UEMA (Campus Bacabal). Bolsista de Iniciação Científica – Fundação de Amparo À Pesquisa e Ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão-FAPEMA (Quota UEMA-2015).

¹⁰ Universidade Estadual do Maranhão-EUMA (Campus Bacabal)- Departamento de Letras.

numéricas são obstáculos para nossos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, situação que causa grandes dificuldades de interação social.

No Maranhão, os índices educacionais referentes ao uso da linguagem são preocupantes. E, o que tem contribuído para esse cenário desfavorável é a realidade dos municípios maranhenses. Bacabal, um dos maiores e mais importante município, apesar das melhoras dos últimos anos, ainda apresenta um quadro preocupante,

Como exemplo desse problema social, podemos citar a UI Frei Solano, localizada no entorno da UEMA (Campus Bacabal), escola de Ensino Fundamental que, segundo o site www.qedu.org.br, (órgão que faz um acompanhamento dos dados estatísticos de todas as unidades escolares do país, a cada dois anos, a partir de dados publicados pelo Ministério da Educação), apresentou, no ano de 2009, os seguintes dados: 70% dos alunos do 9º ano encontravam-se no nível básico de proficiência em Língua Portuguesa; 21% no nível proficiente e nenhum no nível avançado. Já em 2011, 54% encontravam-se no nível básico de proficiência em Língua Portuguesa; 13% no nível proficiente e 4% no nível avançado. Em 2013, 74% encontravam-se no nível básico de proficiência em Língua Portuguesa; 12% no nível proficiente e 2% no nível avançado. A incompreensão de que é pela e na linguagem que agimos no mundo social faz com que não consigamos obter sucesso em muitas das atividades sociais que participamos no nosso dia a dia, em especial às atividades escolares.

Fazemos parte do Grupo de Estudos da Linguagem Construindo Argumentos - GELCA, e, lá, elegemos a categoria de análise da ‘argumentação’ como sendo a categoria que nos permite compreender esse problema social e propor alternativas que possam contribuir para a participação de sujeitos críticos, reflexivos nos discursos que se apresentam. Olhar para as práticas argumentativas nos permitirá compreender o próprio fenômeno da linguagem. A argumentação é, para nós, inerentemente dialógica (PLANTIN, 2008), voltada para a interação com o outro, visando a reflexão. Nela, concordamos, discordamos, refletimos, tornamo-nos críticos.

Entendendo a argumentação como prática de linguagem, estamos investigando, nas produções textuais dos alunos, como a argumentação ‘emerge’ e se ‘desenvolve’. Olhamos para as marcas discursivas que participam do processo de construção da argumentação como prática

intersubjetiva e explicamos como elas vão sendo utilizadas e os efeitos de sentidos resultantes da sua utilização.

A categoria da argumentação, por nós utilizada, e que nos possibilita realizar tal compreensão centra-se numa “prática discursiva e se constrói em torno de uma diferença de opinião” (EEMEREN E GROOTENDORST, 2004, p. 16), em que se articulam “pontos de vista contraditórios” (PLANTIN, 2008, p. 63). Esse princípio implica afirmar que não se assume um pensamento como sendo absoluto e definitivo, já que a argumentação se desenvolve em torno de ideias diferentes. A argumentação dá-se no processo de uso da língua. É na *performance* linguística que a argumentação acontece, sendo esse processo, portanto, social, dialógico e intersubjetivo.

A abordagem de argumentação de Eemeren e Grootendorst é absorvida por Christian Plantin. Plantin (2008) chega a definir os estudos da argumentação de Eemeren e Grootendorst como sendo de ‘argumentação dialogal’. Alguns pontos são básicos nessa compreensão de argumentação: compreender que é a ideia do outro discursivo que nos permitirá compreender a criticidade do discurso, compreender que “a noção do discurso contra permite gerir a dimensão crítica do discurso argumentativo” (PLANTIN, 2015, pag.3); compreender que todo discurso é cortado por outras vozes (BAKHTIN, 2004); compreender que na intersubjetividade um ponto de vista torna-se aceitável (EEMEREN e GROOTENDORST 2004) e, compreender que a perspectiva contrária, o contra-argumento, promove mudança nas construções sociais dos participantes sobre uma questão discutida (CHIARO e LEITÃO, 2014).

Chiaro e Leitão (2014), na mesma linha de Eemeren e Grootendorst e Plantin, apresentam um trabalho em que examinam o papel mediador da argumentação em processos que possibilitam a construção de conhecimentos em uma situação particular, a sala de aula. Nas ações discursivas dos participantes – do professor em particular – buscam compreender o que permite criar condições que possibilitam a emergência da argumentação em sala de aula e a instituem como método de negociação de diferenças de opinião que favorece a emergência de novas perspectivas sobre conteúdos curriculares. Para elas, o percurso analítico da argumentação dá-se com a postulação de argumentos, de contra-argumentos e de resposta. E, postulam como critérios de análise das marcas de discutibilidade os planos da pragmática, da argumentação e da epistemologia. Esses passos são, ao mesmo tempo, teóricos e metodológicos.

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia de análise utilizada na pesquisa é de base interpretativista (MOITA LOPES, 1994), já que partimos do princípio de que faremos interpretações das marcas discursivas construídas pelos estudantes no texto escrito, para nós, práticas argumentativas dialógicas.

O corpus da pesquisa do Projeto de Iniciação Científica é composto pelas produções textuais dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da U I Frei Solano, (escola situada no Entorno do CESB/UEMA), na sala de aula e nas atividades de contraturno e, de entrevistas com professores e alunos das referidas turmas. Esse corpus é parte do corpus maior da pesquisa que inclui ainda produções textuais dos estudantes do Ensino Médio do CEM Professora Leda Tajra, oriundos da UI Frei Solano. A pesquisa maior busca explicar como a argumentação emerge nessas produções textuais durante o processo de formação escolar, da passagem do Ensino Fundamental ao Ensino Médio e, durante o Ensino Médio. A montagem do corpus dá-se a partir dos instrumentos de pesquisa utilizados, como Produções textuais, filmadora, blocos de nota, roteiro de entrevista.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Concluída o primeiro bimestre das atividades de iniciação científica, algumas ações já permitem a apresentação das primeiras reflexões. Para esta apresentação, destacamos a produção do estudante Marcos (nome fictício), aluno do 9º ano da UI Frei Solano. Vejamos como a argumentação emerge no processo de construção textual.

A professora Flávia (nome fictício), moradora do entorno da escola, jovem, após explicar algumas questões que motivassem a produção textual, começa a apresentar a temática das ‘Manifestações Populares’, que marcou, principalmente o julho de 2013, e continua marcando o momento atual do Brasil.

No momento em que a professora Flávia apresenta a temática e pede o posicionamento dos estudantes em relação a ela, apresenta-se o espaço que Chiaro e Leitão (2014) chama de Plano Pragmático e de Plano Argumentativo. Ao apresentar o tema/título ‘Manifestações Populares’, a professora instiga os estudantes a produzirem um texto em que possam se posicionar em relação a essa temática. Nesse momento, a professora estabelece uma relação intersubjetiva com os estudantes, onde se permite a apresentação de diferentes pontos de vistas, de diferentes vozes, como diz Bakhtin (2004).

Instigado pela temática apresentada pela professora, Marcos se posiciona, primeiro em relação a um grupo social específico, os políticos, depois colocando-se ao lado daquelas vozes que defendem as manifestações contrárias aos políticos que não cumprem o que prometem. Após apresentar um motivador para as manifestações contra políticos, notícias sobre corrupção, como a operação lava jato, Marcos afirma que as manifestações são espaços onde se pode expressar opiniões sem medo de represálias.

Para Chiaro e Leitão (2014), além dos planos pragmático e argumentativo, existe o Plano Epistêmico. Ou seja, além de entrarmos num espaço intersubjetivo, além de nos posicionarmos em relação a determinados temas, construímos conhecimentos nesse momento dialógico. Assim, Marcos vai construindo conhecimentos sobre as ‘manifestações populares’. Ele chega, numa parte da produção textual, a explicar o que significa manifestar-se.

Nesse momento inicial da pesquisa, percebe-se que na produção textual, a argumentação vai emergindo na relação discursiva entre os sujeitos professora e aluno. Como nosso propósito é focar nesses espaços de surgimento argumentativo, entendemos que a argumentação vai se desenvolver quando a professora dialogar com a produção do estudante. Devolvendo a ele a produção com as observações por ela realizada, para que, no diálogo, os planos apresentados por Chiaro e Leitão (2014) possam contribuir para o desenvolvimento da argumentação.

CONCLUSÃO

Desenvolver um trabalho de pesquisa requer tempo e cuidado. Os dados iniciais da pesquisa apontam para um caminho árduo, mas que pode apresentar bons resultados. Como defendemos que o próprio discurso é argumentativo, ou seja, a argumentação é intrínseca à linguagem, nossas reflexões centram-se nos espaços de surgimento desses posicionamentos argumentativos. Entendemos que ao compreendermos esses fenômenos, teremos a segurança de nos posicionarmos nas diferentes práticas discursivas que se constroem em torno de diferença de opinião, respeitando os pontos de vista contrários.

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
2. CHIARO, Sylvia de e LEITÃO, Selma. O papel do professor na construção discursiva da argumentação em sala de aula. **Revista Psicologia: Reflexões e crítica**, 2005, 18(3), PP 350-357. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a09v18n3>>, acesso em 15/05/2014.
3. EEMEREN, Frans van H. e GROOTENDORST, Rob. **A systematic Theory of Argumentation**. The pragma-dialectical approach. Cambridge University Press, 2004.
4. MOITA LOPES, Luiz Paulo de. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: A linguagem como condição e solução. **DELTA**. V. 10, n.2, 1994. p. 321-338.
5. PLATIN, Christian. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
6. _____. Análise e crítica do discurso argumentativo. **Revista Eletrônica de Estudos integrados em Discurso e Argumentação**. PP 17 a 37. Disponível em <<http://www.uesc.br/revistas/eidea>>, acesso em 10/02/2015.